

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

**Método Histórico e Dialética na Interrupção em Walter Benjamin**

Renato da Silva Melo

A concepção de história benjaminiana empenha-se, em primeiro lugar, pelo método da interrupção dialética, que revela o fato histórico na sua atualidade - ao paralisar o tempo, a revolução se legitima na história ao estabelecer a não-linearidade dos acontecimentos; e em segundo lugar, pela revolução do método na qual a crítica corrosiva da palavra deve subverter o discurso estabelecido. A revolução, segundo perspectiva de Benjamin, deve estabelecer novas transformações, alicerçadas em novas visões de mundo, mas tematizada na história significativa dos vencidos.

Walter Benjamin recusa a idéia de progresso cumulativo na história, introduzindo o conceito alternativo de uma revolução enquanto forma secularizada de redenção. Benjamin pensa na Revolução como instante de recuperação das forças que foram dominadas na história. Neste sentido, o fato do proletariado poder alcançar uma idéia mais clara da sua situação, sendo por isso o sujeito histórico capaz de unir teoria e *práxis*, conforme Lukács, (LUKÁCS, 1989, p. 35) configura-se por excelência nas teses de Benjamin. Para isso, o conceito de interrupção (*Stillstand*) da história serve de veículo. A interrupção força a história a significar além do *continuum* historicista ou social-democrata, ela revela a situação dos dominados e dominadores no momento da ação e por que os últimos venceram. Ao nos assenhorearmos dos acontecimentos do passado, devemos confrontar esse passado com o “tempo de agora” (*Jetztzeit*). Nesse confronto, o tempo homogêneo do sofrimento, herdeiro de uma narrativa caracteristicamente causalista, se mostrará estático. Desta forma, perceberemos que a causalidade estabelecida entre os fatos, sentida e apreendida como uma sucessão cronológica, não é uma necessidade inevitável. Como escreve Benjamin, nenhum fato é, por si só, mesmo que seja causa de outros, um fato histórico. Alguns fatos se tornam fatos históricos, devido ao arranjo que a história e o historiador lhe dão muito tempo depois. O historiador consciente se recusa a ver os fatos correrem entre os dedos como se fossem as contas de um rosário, pois tem em mente a configuração que sua época formou da anterior. (BENJAMIN, 1990, p. 704) Serve-se do “tempo de agora” para paralisar a homogeneidade opressora inserida no tempo de um crescente *infinitum*. Fazer a história do passado nos

termos do presente significa fundar a história passada na atualidade. Isso não significa interpretar o presente a partir da história passada a fim de estabelecer uma continuidade entre passado e presente. O passado redimido dos vencidos ilumina a luta do presente, assim como esta luta presente é que propicia o clarão revolucionário, o *Stillstand* que ilumina o passado com uma nova luz e permite sua redenção. Presente e passado se esclarecem recíproco e dialeticamente. Com a perspectiva benjaminiana em que a história é uma construção, a “dialética na interrupção” poderá criar significados a partir do tempo saturado de “agoras”.

A história, como salto para fora da linha contínua, longe do tempo homogeneizador, demarca a concepção de revolução de Benjamin. Ao paralisar o tempo, ao interromper a continuidade cegante, a revolução se legitima na história ao estabelecer a não-linearidade. Como é possível pensar na revolução num tempo concebido como natural que tudo recobre? A revolução pode mostrar os contrastes do vivido, pode mostrar que, na interrupção, a história dos vencidos pode significar. No ensaio “Para a crítica da violência”, (BENJAMIN, 1967) a revolução dimensiona a figura da redenção. Tem-se um messianismo sem Messias, pois o que é histórico e humano não se baseia em nenhuma ciência ou garantia. A revolução, ao estabelecer a redenção, quer indicar que redimir é restituir as coisas de que fomos privados, não por descuido de outras gerações, e sim pelos mecanismos de violência daqueles que se impuseram sob o signo do poder. Restituir o que nos foi roubado é a redenção sem Messias, é a revolução que quer nos devolver as forças para atuar fora de uma equação causalista a partir do “tempo de agora”. É fundamental neste momento transformar o agora pleno por meio da corpórea presença de espírito. (MATOS, 1993, p. 68)

A imobilização do instante ajuda os revolucionários a redimir os vitimados pelo progresso, tal como ilustra o anjo de Paul Klee. O *Angelus Novus* aparece num primeiro momento desestruturando o que era harmonioso. Esse anjo novo interrompe ordens e ligações para liberar o potencial da redenção. A metáfora do anjo, significando uma alegoria moderna da história, ajuda a compreender o método de Benjamin. Onde os historiadores tradicionais vêem uma “cadeia de acontecimentos” que levam ao progresso, o anjo nos mostra apenas um monte de escombros que crescem “dispersos aos nossos pés”. É nestes restos de civilização, nestas ruínas, que o materialista histórico deve se ater para resgatar a história dos oprimidos. A redenção está imersa nesta história apagada catastroficamente pelos dominantes. Os olhos “arregalados” do anjo estão direcionados para o passado, embora o vento forte do progresso

sobre impelindo-o para o futuro. (BENJAMIN, 1990, p. 697-8) Esse progresso, herdeiro do iluminismo, paradoxalmente, fomenta novas formas de mito ao estabelecer-se como o único discurso verdadeiramente racional. (ADORNO e HORKHEIMER, 1996, p. 42) O progresso se paga com uma racionalização subjugadora apontando para o desaparecimento do sujeito autônomo nas malhas de uma sociedade totalizadora administrada. O século XX teria testemunhado, de formas significativas e catastróficas, o quanto o uso de uma razão acrítica pode favorecer o retorno do mito. Na metáfora benjaminiana do anjo, devemos perceber que as ruínas, onde se encontra a história por fazer, são o que leva ao céu. Esta imagem teológica se apresenta como caminho para uma historiografia que pretende a redenção dos oprimidos. A anti-história do *Angelus Novus* tem a intenção de corrigir os deslizes da história tradicional.

Ao contrário do marxismo vulgar, que via a revolução como um processo natural e inevitável, Benjamin verá, na interrupção da linearidade homogênea, a possibilidade de uma origem que conduz a uma nova história, ao apontar para matrizes construtivas. De maneira ousada, ele pensa numa tradição dos oprimidos que não descansaria sobre o nivelamento da continuidade positivista, historicista ou social-democrata. Esta equação se estabelecerá nos saltos e na interrupção. A representação da descontinuidade na história é o fundamento da autêntica tradição, que tem nos oprimidos da história os sujeitos do conhecimento.

O marxismo presente em Benjamin possui um caráter pessimista, mas um pessimismo revolucionário que nada lembra uma resignação fatalista. Isto é explícito no seu artigo sobre *O Surrealismo*. Por outro lado, nos textos *Experiência e pobreza*, *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução* e *Autor como produtor* sobressaem aspectos de um otimismo particular (dessa maneira destoante no que diz respeito à Escola de Frankfurt) ao conceber um potencial dialeticamente revolucionário na progressão das forças produtivas. Dessa forma, ocorre um contraste com as “teses”. Aqueles textos, escritos entre 1933 e 1935, refletiam a afeição à política praticada na então União Soviética, consubstanciados no plano quinquenal de domínio industrializante e produtivista. Deve-se ressaltar, no entanto, que estes textos são ambíguos. Quando se tem uma referência de diagnóstico progressista, este se apresenta moderado, possibilitando uma nova barbárie, que pode representar destruição, mas também recomeço em novas linhas libertadoras. O texto sobre a *Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*, além de demarcar o fim da arte aurática e o início da arte reproduzível, mostra uma estética positiva da distração e percepção. Esta estética pode-se

tornar emancipadora do homem, bem como estabelecer uma nova percepção difusa e ao mesmo tempo perspicaz do sujeito que vai ao cinema. O amigo de Benjamin desde a juventude, Gershom Scholem, criticou o texto citado acima: “critiquei sobretudo a segunda parte, cuja filosofia totalmente forçada e inaceitável do filme como a forma de arte revolucionária do proletariado não tinha qualquer ligação compreensível com a primeira.” (SCHOLEM, 1989, p. 206) O próprio livro de Scholem cita a resposta de Benjamin: “A ligação filosófica que você perdeu entre as duas partes do seu estudo, a revolução há de fornecê-la de maneira mais eficaz do que eu”. (*Idem*, p. 206)

Walter Benjamin também percebe a tradição cultural como importante fator de identidade e emancipação. O lembrar e o rememorar se comprazem na tradição, lugar em que o tempo não possui valor econômico. Os dias de festa, relembrados na tradição, buscam salvar o momento que passou os dias significativos. A volta ao passado com a incumbência de pedir um outro devir proporciona uma história que é escrita no presente para o presente. Dessa forma, quebra, com a intensidade devida, o fluxo da continuidade cronológica que marca o tempo da história dos dominadores. A cronologia, que concebe o tempo como progresso, serve-se do relógio como instrumento de medida. No entanto, Benjamin distingue o tempo marcado pelo relógio do tempo marcado pelo calendário. O tempo do relógio é o espaço “homogêneo e vazio” que o historiador tradicional preenche com os fatos. O tempo do calendário não se desenvolve mecanicamente. Ao contrário, marca a existência com os dias de recordação, capturam o tempo no ponto de concentração. Assim, os momentos lembrados subitamente se tornam atuais. As revoluções possuem a característica peculiar de estabelecer um novo calendário. O dia em que começa o calendário funciona como um impulsionador do tempo histórico. A revolução, ao marcar um novo dia no calendário, interrompe o tempo *continuum* da história, estabelece o aqui e agora reflexivo, e demarca, para a consciência dos trabalhadores, o “tempo de agora” que paralisa a homogeneidade dominadora. A revolução faz parar o tempo naquele instante e serve como parâmetro de comemoração para as classes oprimidas, porque, naquele dia, os opressores não venceram. Este dia é comemorado como dia de festa, cuja lembrança faz retroceder os dias de felicidade. É por isso que Benjamin diz que os calendários são monumentos de uma consciência histórica. A significação está marcada no calendário para a rememoração futura, dia de festa. Contra essa rememoração está a lembrança do tempo do relógio. Este marca o

tempo de forma homogênea e, por isso, na anedota de Benjamin, foi alvo dos trabalhadores na Revolução de Julho: espalhados por toda Paris, os trabalhadores, simultaneamente e independentes entre si, atiraram contra as torres em que estavam os relógios para estagnarem o tempo e parar o dia. (BENJAMIN, 1990, p. 701-2) Enquanto o calendário possui a característica de demarcar a interrupção do tempo, o relógio registra o tempo *continuum* da infinitude apaziguadora e conformista da história. O operário, ao olhar no calendário o dia da revolução, transforma-se num Josué e comemora o dia. Apesar do estado melancólico de Benjamin, ele sabia que a felicidade era o emblema para a libertação.

Para Benjamin, deve-se buscar um conceito de história que se refira ao “estado de exceção”. Este estado de exceção (que é também uma referência ao fascismo, oposto ao “estado de direito”, democrático) é o que a tradição nos legou da história dos oprimidos. É a interrupção temporal, que força os fatos significativos do passado oprimido a significar. O oposto, o tempo contínuo, apreendido numa causalidade por etapa dos momentos históricos, é o que impõe significações. Ao considerar o progresso como norma, a social-democracia não percebeu que a luta contra o nazi-facismo se tornava mais obscura. (BENJAMIN, 1990, p. 697) Contra uma concepção de história que provoca o “assombro” do fascismo, o antídoto deve ser o conceito de paralisação historiográfico. O assombro quer dizer que os adeptos do progresso se espantaram com a violência e a barbárie da Guerra e do fascismo, como se um retrocesso fosse impossível, ou exceção à norma da evolução; daí a revolução como verdadeiro estado de exceção.

Surge a necessidade de resgatar o sentido do historiador materialista histórico: através da dialética, construir uma totalidade a partir de uma constelação de objetos. A partir da tensão do encontro da época passada com a presente, o materialista histórico encontra o signo de uma chance revolucionária. Deve-se ressaltar, no entanto, que a metodologia benjaminiana de construção histórica não deve ser confundida com a simples substituição de narrativa, o que de bom grado a historiografia marxista vulgar desempenhou. Deve-se abster de um discurso exaustivo como empreendeu tantas vezes uma historiografia tradicional, pois o conhecimento do passado não é um fim em si mesmo, mas um momento de rever os pressupostos latentes de uma história que não significou para os oprimidos. A partir da precisão e lisura históricas, o pesquisador comprometido com a busca da verdade do passado deve interromper a história que hoje se conta e inserir na narrativa peculiar os silêncios e

“fraturas eficazes”. Perscrutar as virtualidades da liberdade histórica impõe-nos o compromisso de conhecer o passado, não com os interesses meramente especulativos ou conformistas de uma historiografia tradicional. Esse conhecimento do passado não deve tampouco se transformar em fardo inexorável. Deve, antes de tudo, sinalizar para o presente a necessária transformação. O passado deve ser pesquisado, mas não com o sentido de arquivar o que se passou ou muito menos consolar os humilhados de hoje, prometendo gloriosos amanhã. Deve-se distanciar também de abordagens utópicas que vêem o passado como uma espécie de paraíso onde se encontra um manancial de imagens, idéias, lugar de sentido no futuro. (GAGNEBIN, 1994, p. 120) A crítica corrosiva da palavra deve subverter o discurso estabelecido e propugnar novas transformações alicerçadas em novas visões do futuro.

Qual o objetivo de Walter Benjamin ao pretender um método de escrita que se atém à ruptura, e ao salto para fora de uma história contínua? Ao se utilizar um método que subverte o objeto, que se concentra nas rupturas da história, Benjamin, além de se contrapor ao historicismo, promove uma crítica impiedosa a todos os dogmatismos que invertem a história dos trabalhadores, vislumbrando seus fracassos como epopéia vitoriosa. Quando se procura fazer apologia de um fracasso, além de esvanecer a verdade construída, promove-se o discurso elitista dominante ao *status* de fato representativo fiel da realidade. Ao atacar a homogeneidade tranqüila e sem saltos da história, Benjamin penetra o véu ludibriador da ideologia burguesa que esconde, por detrás dos fatos gloriosos, a história dos vencidos, soterrada nos escombros da cultura burguesa.

Ainda em relação à subversão, quando se propõe a analisar o método de interrupção no teatro épico de Brecht, Benjamin tem em mente contrapor-se a uma teoria da arte burguesa que a vê apenas como representação idealizada da sociedade. A redenção benjaminiana almeja salvar a história dos oprimidos, mas não pode coadunar com uma narrativa conduzida pelo encadeamento das palavras e frases bem colocadas. Deve fazer valer, na construção histórica, uma escrita abrupta, em que arrisca sua própria decomposição. A história contínua e habitual comemora sempre a vitória dos poderosos, as façanhas dos vencedores. O tratamento dado aos temas oficiais já tinha sido criticado por Baudelaire:

*A maioria dos poetas que trataram de assuntos realmente modernos contentou-se com temas estereotipados, oficiais – estes poetas preocuparam-se com nossas vitórias e nosso heroísmo político. (...) Mas existem temas da vida privada muito*

*mais heróicos. O espetáculo da vida mundana e de milhares de existências desordenadas; vivendo nos submundos de uma grande cidade.* (BAUDELAIRE Apud BENJAMIN, 1971, p. 18)

É este olhar voltado para os temas que circundam os fatos oficiais, e que muitas vezes explicam a realidade com mais vigor, que chamou a atenção de Benjamin para a poesia de Baudelaire. Mas igualmente os marginais de Poe e Balzac sobressaem na crítica de Benjamin, por romperem a escrita linear dos temas burgueses: “Os poetas encontram na rua o lixo da sociedade e a partir dele fazem sua crítica heróica”. (BENJAMIN, 1971, p. 19) As ruínas e o lixo da sociedade industrial são a matéria prima do historiador que quer escrever a “história a contrapelo”. A história que serve aos desejos de uma sociedade classista, ao fazer apologia de suas conquistas, com frequência, tende a recobrir os momentos revolucionários do rumo da história.

A representação da história com o modelo habitual, apologética e na forma épica, não consegue enxergar os lugares nos quais a transmissão se interrompe. E isto impossibilita perceber que as arestas e asperezas do caminho podem se transformar em trilhas que oferecem novas descobertas para o historiador cauteloso. Aquele que quer ir além da história dos vencedores deve distinguir as arestas e saliências que aparentam obstáculos, pois podem servir de apoio na luta contra o fluxo constante da história que tudo iguala. A história oficial nivela os obstáculos, impedindo, assim, que a transmissão do conhecimento dos vencidos possa significar. O valor cultural da história dos oprimidos está na interrupção, na subversão que atualiza o instante, no “tempo de agora”. O método, segundo a interrupção benjaminiana, faz desabrocharem as contradições da história etapista e causalista. O projeto histórico de Benjamin mostra-nos que dois acontecimentos distantes na ordem cronológica podem ser semelhantes segundo as suas diferenças reveladoras, possibilitando o processo de significação. Eis a revolução operada em sua obra, não de forma sistemática, o que condiz com seu pensamento, mas levemente esboçada em seus escritos e construções epistemológicas originais. Se para Goethe há apenas uma poesia, a verdadeira, para Walter Benjamin há apenas uma maneira de escrever a história, também a verdadeira.

#### **Referências bibliográficas:**

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Conceito de Iluminismo*. In: **Os Pensadores**. Trad. de Zelj Loparic, et all. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Über den Begriff der Geschichte*. In: **Gesammelte Schriften**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Modernidade*. In: **Tempo brasileiro**, trad. de Heidrum Krieger Mendes da Silva. Rio de Janeiro, jan-mar, 26-27, 1971.

BENJAMIN, Walter. *Para la crítica de la violencia*. In: **Ensayos escogidos**. Buenos Aires: UR, 1967.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. Campinas: Unicamp; São Paulo: Perspectiva, 1994.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos de dialética marxista. Trad. de Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

MATOS, Olgária C. F. **A escola de Frankfurt**. São Paulo: Moderna, 1993.

SCHOLEM, Gershom. **Walter Benjamin**: a história de uma amizade. Trad. de Geraldo Gerson de Souza, Natan Norbert Zins e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1989.